

O PROBLEMA É O AMOR E A SOLUÇÃO, TAMBÉM

Marina Homrich Zilli¹, Andréa Costa de Andrade²

RESUMO

Este trabalho propõe pensar sobre o tema amor como dispositivo criador de conflitos e remediador das mesmas situações-problema, levando em conta a subjetividade de cada um e a forma de ver e sentir o mundo. O objetivo é perceber a complexidade e compreensão ser, analisar aspectos sentimentais do ser humano e trazer questões pertinentes relacionadas a este sentimento. Como metodologia, recorreremos a uma revisão de literatura das obras de Martha Nussbaum, Zygmunt Bauman, Walter Alves Coutinho e Roberto Shinyashiki. As pesquisas sobre as quais este artigo se debruça, permitiram vislumbrar um pouco sobre a realidade da estruturação das relações interpessoais de nosso mundo e compreendê-las sob a ótica do amor, romantizadas ou não. A pretensão é permitir reflexões e contribuir para o entendimento sobre o sentindo do Amor, se é um problema ou uma solução.

Palavras-chave: Amor, relações interpessoais, subjetividade.

ABSTRACT

This work proposes to think about the theme love as a device for creating conflicts and remedial of the same problem situations, taking into account the subjectivity of each one and the way of seeing and feeling the world. The goal is to perceive the complexity and comprehension being, to analyze sentimental aspects of the human being and to bring pertinent questions related to this feeling. As a methodology, we resorted to a literature review of the works of Martha Nussbaum, Zygmunt Bauman, Walter Alves Coutinho and Roberto Shinyashiki. The researches on which this article focuses allow us to glimpse a little about the reality of structuring the interpersonal relations of our world and to understand them from the point of view of love, romanticized or not. The pretension is to allow reflections and contribute to the understanding about the feeling of Love, whether it is a problem or a solution.

Keywords: Love, interpersonal relationships, subjectivity.

¹ Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Bolsista do Hospital Universitário Getúlio Vargas- HUGV (UFAM/EBSERH).

² Professora e Psicóloga HUGV-UFAM e FHAJ. Doutora em Sociedade e Cultura no Amazonas- UFAM.

1 INTRODUÇÃO

O indivíduo é um ser social e que, portanto, precisa estar em contato com os outros para sobreviver e se manter são. As relações interpessoais, o contato, incentivam a prática do Amor que é um elemento de peso nas relações humanas e existe na história da humanidade desde tempos remotos e, que remonta de tempos e tempos um palco de situações conflituosas e também reconciliadoras, tornando-se uma peça de extrema influência nos episódios que narram a existência do homo sapiens e seus ancestrais mais evoluídos.

Exposto isto, este trabalho se justifica pela busca de aprofundamento das reflexões sobre um termo extremamente complexo, subjetivo e que se expressa de diversas maneiras no cotidiano da raça humana, o que exhibe sua relevância. A intenção presente em entender como funciona o Amor nas relações sociais humanas como agente causador de problemas é uma tentativa de analisar profundamente esse sentimento particular e mostrar uma possível solução para os conflitos e discórdias presentes na sociedade por meio dele próprio.

O método utilizado engloba uma abordagem qualitativa cuja fonte de informações é bibliográfica. Os autores utilizados mostram perspectivas diferenciadas e complementares entre si sobre o papel do amor e como se comporta dentro das relações. O estudo conjunto de autores como: Nussbaum (2004), Bauman (2004), Coutinho (2010) e Shinyashiki (1992) permitiu uma análise mais ampla sobre o tema e garantiu uma intertextualidade nas questões abordadas por todas as obras.

Dessa forma, o estudo apresentado a seguir mostra o Amor como ingrediente dos laços humanos de uma perspectiva teórica que busca apresentá-lo como uma problemática quando inserido nas relações humanas, mas também expor que este mesmo é a própria solução da mesma.

2 O AMOR COMO INGREDIENTE NOS LAÇOS HUMANOS

2.1 A natureza humana

Diferente dos animais, nós, seres humanos, somos dotados de racionalidade. Esse fato nos permitiu sobreviver por tanto tempo e dominar boa parte dos recursos que o mundo tinha a nos oferecer, nos colocando no topo da cadeia alimentar e no patamar máximo de evolução entre os seres vivos. Graças a essa característica desenvolvemos tecnologias que nos permitiram abandonar o modo de vida nômade e adotar o sedentarismo, nos estabelecendo em locais fixos. Essa realidade permitiu que aprimorássemos nossas relações uns com os outros e que nos organizássemos de forma cada vez mais complexa e particular, diferenciando-nos

ainda mais dos animais, pois nossos vínculos já não eram apenas para continuação da espécie e sobrevivência e passaram a ser motivados por outros fatores, como afinidade, cooperação, submissão, entre outros.

A convivência em sociedades cada vez maiores, o surgimento dos Estados, da moeda, do trabalho, da família, do casamento, da religião e outras estruturas sociais trouxeram diversas questões que antes não eram existentes e que ocuparam e ainda ocupam, até os dias de hoje, um dos focos de preocupação e reflexão de muitos estudiosos e pensadores. Um exemplo que podemos citar aqui é o filósofo Platão, discípulo de Sócrates, sendo ambos dois importantes ícones da filosofia clássica na Grécia Antiga, que referia que,

Cada um de nós, ele diz, é composto de três elementos: um elemento racional, o qual avalia e hierarquiza escolhas e elabora um plano que abarque a vida como um todo: um elemento apetitivo que procura a satisfação de uma maneira bruta e sem reflexão: e um elemento emocional ou governado pela honra, o qual nos torna briosos e, é responsável pela coragem militar (NUSSBAUM, 2004, p. 36).

Para Platão, somos feitos de sentimentos, de desejos e de racionalidade, sendo cada parte encarregada de uma função. Quando uma dessas partes não funciona adequadamente o indivíduo sofre com esse desequilíbrio e a sociedade na qual ele está inserido também, por consequência de seus comportamentos anômalos. Os animais têm sentimentos e desejos, como nós, mas não os compreendem pela ausência da razão. Estes seres vivem apenas para saciar suas vontades através de seus instintos. Nós somos conscientes de tudo o que sentimos e desejamos e, utilizamos esse conhecimento racional para avaliar o que queremos e aquilo que de fato precisamos. Entretanto, o indivíduo humano não conhece toda a razão sempre, e por vezes somos ofuscados por nossas vontades.

O problema do desejo deformado está conosco [...] A maior parte das pessoas [...] vive como prisioneiros numa gruta subterrânea. A gruta é iluminada apenas pela luz do fogo [...] Os prisioneiros estão acorrentados de forma que somente podem observar as sombras se movendo na parede [...] Quando, desalgemados eles finalmente se viram para ver os objetos que produzem as sombras, estão preparados para começarem suas subidas para a luz do mundo superior. Quando podem olhar para a realidade do sol, nesse instante, eles têm acesso à verdade e à beleza e valores reais. Os prisioneiros da gruta [...] são como nós porque passamos parte de nossas vidas como prisioneiros de nossos desejos e das imagens que esses desejos produzem diante de nossos olhos (NUSSBAUM, 2004, p. 24).

Dessa forma, é própria da humanidade certa fragilidade nas relações construídas, porque existe uma busca constante pelo equilíbrio desses três componentes, em que o instinto e os desejos podem por vezes se opor às faculdades da razão. Quando isso se multiplica para

toda a população humana, entendemos porque existem tantas questões exclusivas de nossa espécie.

Na mitopoética amazônica, várias histórias de amor contemplam a questão do amor romântico, um exemplo é a história da Vitória-Régia. Conta o mito que numa noite muito quente de luar tão claro, como se fosse de dia, perto da lagoa havia uma importante tribo, que hoje não existe mais. Entre os índios, estava um velho chefe, muito procurado pelas crianças, que adorava contar suas histórias. Como a noite estava quente e o luar muito lindo, o velho cacique havia-se sentado bem perto da lagoa, para descansar e gozar daquela beleza. As crianças descobriram que ele estava ali e foram sentar-se perto dele. Pediram que lhes contasse uma história. O cacique estava tão distraído, admirando a vitória-régia, que nem percebera a chegada das crianças. Custou-lhe para saísse daquela contemplação. Por fim, sorriu para elas e uma delas lhe perguntou:

- O que o senhor estava vendo com tanta atenção? - perguntou uma.

- Aquela estrela! Aquela bonita estrela, respondeu o cacique, apontando para a vitória-régia.

As crianças ficaram admiradas e trocaram um olhar significativo. A vitória-régia era uma estrela? Pobre cacique! Ele percebeu o espanto das crianças e lhes disse:

-Não tenham medo! Não fiquei doido, não. Não acreditam que a vitória-régia seja uma estrela? Então ouçam:

- Há muitos anos, não sei quantos, em nossa tribo, vivia uma índia, muito moça e muito bonita, a quem haviam contado que a lua era Jaci, um guerreiro forte e poderoso. A moça apaixonou-se por esse guerreiro e não quis casar-se com nenhum dos índios da tribo. Não fazia outra coisa, a não ser esperar que a lua surgisse. Aí, então, punha os olhos no céu e não via mais nada. Só o poderoso guerreiro. Muitas vezes, ela saía correndo pela floresta, com os braços erguidos, procurando agarrar a lua. Todos da tribo tinham pena da índia, pena de vê-la dominada por um sonho tão louco.

O tempo foi passando [...]. Contudo, o sonho não deixava a pobre moça em paz. Queria ir para o céu. Queria transformar-se numa estrela, numa estrela tão bonita, que fosse admirada pela lua. Mas a lua continuava distante e indiferente, desprezando o desejo da moça.

Quando não havia luar, a jovem permanecia aborrecida em sua oca, sem falar com ninguém. Eram inúteis os esforços dos amigos e parentes para que ela ficasse com as outras moças. Continuava recolhida e silenciosa, até a lua aparecer novamente.

Uma noite em que o luar estava mais bonito do que nunca, transformando em prata a paisagem da floresta, a moça repetiu sua tentativa. Chegando à beira da lagoa, viu a lua refletida no meio das águas tranqüilas e acreditou que ela havia descido do céu para se banhar ali. Finalmente, ia conhecer o famoso e poderoso guerreiro. Sem hesitar, a moça atirou-se às águas profundas e nadou em direção à imagem da lua. Quando percebeu que havia sido ilusão, tentou voltar, mas as forças lhe faltaram e morreu afogada.

A lua que era um guerreiro forte e poderoso, uma espécie de deus, viu o que havia acontecido e ficou compadecida. Sentiu remorso por não ter transformado a formosa índia em uma estrela do céu. Agora era tarde. A moça ia pertencer, para sempre, às águas profundas da lagoa. Porém, já que não era possível torná-la uma estrela do céu, como ela tanto desejara, podia transformá-la numa estrela das águas. Uma flor que seria a rainha das flores aquáticas.

E assim, a bela índia foi transformada na vitória-régia. À noite, essa maravilhosa flor se abre, permitindo que a lua a ilumine e revele sua impressionante beleza branca. Durante o dia, quando iluminada pelo sol, ela se mostra rósea (GONÇALVES RIBEIRO, 2012).

Interpretando a lenda, no Oriente a Lua é considerada um elemento masculino, somente após as conquistas da civilização ocidental é que a Lua passou a simbolizar o elemento feminino. Os primeiros habitantes do Brasil consideravam a Lua como elemento masculino e nessa lenda podemos assistir a influência da civilização ocidental em nossa psique nacional (GONÇALVES RIBEIRO, 2012)..

Os europeus inventaram o amor romântico na época das grandes guerras em que os jovens saíam em batalhas para a conquista e ou defesa de territórios. Deveria haver uma motivação para que esses cavaleiros tivessem disposição para irem de encontro a morte. Nasceu assim o amor romântico, donde a moça se postava na janela ornada de flores e balançando seu lencinho, dizia adeus ao nobre cavaleiro deitando-lhe ao coração a promessa de que em sua volta triunfal, o amor se realizaria. Enquanto ele, nos campos de batalha, sonhava com sua amada e a promessa de seu amor, ela ficava em sonhos esperando e suspirando. Daí a característica do amor romântico ser melancólico, sonhador, platônico, cheio de dores e febres pela ausência do ser amado (IDEM, 2012)..

Como na lenda da Vitória-Régia muitas mulheres e homens ainda sonham acordados com esse tipo de amor. Podendo até chegar a desenvolver a obsessão pelo seu objeto de prazer que se encontra inacessível por alguma razão. O amor-romântico ama mais a ausência e a dor de si mesmo do que propriamente a realização do desejo. Em sua inocência e ignorância, esse padrão de amor, atribui a uma determinada pessoa o poder de produzir e exercer a força do

amor naquele que espera.

2.2 O que é o amor, afinal?

O Amor é um sentimento humano relacionado a uma intensa afinidade que desenvolvemos por algumas pessoas, em que ocorre um interesse em proteger, cuidar, querer bem, querer por perto e querer para si. Essa pode ser a definição mais trivial para a palavra amor, entretanto, é muito difícil entrarmos em um consenso sobre o real significado do amor, já que há diversas palavras em diversas línguas pelo mundo que significam amor, mas cada uma de uma forma diferente.

Os chineses têm várias palavras para designar o amor: Ai -o amor romântico, Lian – o amante, Qing – afeição amorosa por outra pessoa, Ganqing, Yuanfen, Zaolian, são outras formas de amor. [...] No confucionismo, Lain significa o amor moral que deve ser praticado por todos. [...] Os japoneses tem na palavra AI a designação para o amor apaixonado. O latim antigo, que deu origem a várias outras línguas, inclusive nosso português, tem no verbo Amare o cerne do amor romântico e sexual. [...] Quando se emprega uma palavra que tem muitos significados – como é o caso do amor – a reação do indivíduo é dar-lhe a sua própria conotação. [...] Diante de tantas indagações, verifica-se que esta palavra perdeu todo o sentido (COUTINHO, 2010, p. 9-10).

A dificuldade de compreender o amor encontra-se além de um problema linguístico em que a semântica dos idiomas não concorda de caráter filosófico, pois cada um tem uma concepção individual de amor e da forma como ama, já que nossos sentimentos se expressam de forma particular e cada um tem um meio diferente de viver o que sente. Não há como fugir do amor, pois ele faz parte da nossa existência. Faz parte da nossa humanidade. Todos amaremos ou seremos amados inevitavelmente. Alguns autores explicam essa impossibilidade de fuga do amor comparando-a com a impossibilidade de fuga da morte. Afirmam que,

O amor e a morte não têm história própria. São eventos que ocorrem no tempo humano. [...] Assim, não se pode aprender a amar ou morrer. E não se pode aprender a arte ilusória de evitar suas garras e ficar fora de seus caminhos (BAUMAN, 2004, p. 10).

Todo ser humano, mesmo que diga que não, precisa de amor. Pode não querer admitir isso, mas o amor, além do que já foi dito, é uma necessidade. Precisamos ser amados, precisamos amar. Precisamos doar um pouco de nós para os outros e receber um pouco deles em nós. Isso é a essência da humanidade. O ser humano não sobrevive à indiferença. Todos nós necessitamos ser reconhecidos, que as pessoas nos identifiquem, cumprimentem e nos valorizem (SHINYASHIKI, 1992, p.25).

2.3 O mercado do Amor

A Modernidade originária das revoluções ideológicas e industriais trouxe para o nosso mundo uma distorção ainda mais profunda sobre o amor. Como quase tudo, o amor precisou ser materializado, etiquetado, exposto como um produto nas vitrines, porque o homem passou a compreender o mundo ao seu redor como um imenso mercado, em que as transações econômicas e seus princípios norteavam e serviam de critério para todas as relações, inclusive as de caráter sentimental, tornando-as frias e menos humanas. No nosso mundo negociante e competitivo, mostrar amor como “[...] um mau negócio. O outro vai aproveitar, explorar, cobrar [...]” (SHINYASHIKI, 1992, p.9). Bauman (2004, p.45) acrescenta que,

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu valor monetário.

Essa visão distorcida do amor prejudica nossas relações com os outros, porque trazemos a impessoalidade e o materialismo para algo que é extremamente abstrato e subjetivo. Confundimos o amor com nossos caprichos de consumo. O que tende a uma existência de,

Uma profusão de novos objetos de desejo a cada dia, compelindo toda a massa humana num círculo vicioso de estar sempre à espera para a satisfação da aquisição do novo bem. É importante notar que o bem em si deixa ter valor intrínseco. O que importa é nossa identificação com ele, de tal forma que para eu ser mais, tenho que possuir mais, porque aos olhos dos outros estou melhorando de patamar (COUTINHO, 2010, p.40).

2.4 Amor *versus* Desejo

Dentro do Mercado do Amor uma das maiores confusões que se faz provavelmente a mais importante, é sobre o significado do amor e do desejo. Entendemos erroneamente que o desejo de consumir é o mesmo que amar, quando na verdade, o amor e o desejo funcionam por vias opostas. A confusão entre o significado de amor e desejo se esclarece quando percebemos esse antagonismo. O desejo consome o objeto de desejo e o amor preserva o objeto amado. Desse modo,

Desejo é a vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar [...] O desejo é um impulso [...] O amor, por outro lado, é a vontade de cuidar e de preservar [...] Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. Se o desejo se autodestrói, o amor se auto-perpetua (BAUMAN, 2004, p. 13).

Quando entendemos essa diferença, podemos parar de tratar o amor como um bem de consumo e as pessoas que são alvo desse amor passam a readquirir o significado de pessoas pela sua própria essência e deixam de ser vistas como meros objetos expostos em prateleiras.

2.5 A fragilidade das relações

O Ser Humano é uma das poucas espécies que habitam o planeta capaz de destruir e prejudicar o seu semelhante, e sem dúvida, é aquele que o faz com maior crueldade e pelas motivações mais fúteis. Um animal irracional só atacaria um irmão de espécie se isso lhe fosse necessário para sobreviver. O homem por sua vez, o faz por uma grande diversidade de motivos além desses, motivos esses que envolvem as construções sociais e a valorização de outros aspectos mais profundos que a simples sobrevivência. Por esse fato, vemos que os laços humanos são muitas vezes frágeis e superficiais, em que aquela relação não ocorre por sobrevivência ou por afetividade sincera, e sim em busca de fatores que o outro possa nos oferecer para nos beneficiar.

A diferença entre parentesco e afinidade é a possibilidade de escolha. O sonho é que nossas afinidades sejam laços tão sólidos como o parentesco, mas em se tratando de relacionamentos humanos e de escolha, estão em risco de finitude. Mesmo as instituições sociais mais fortes podem ruir pela corrupção do homem para com os outros ou para consigo mesmo, pois a,

Afinidade é parentesco qualificado [...] A escolha é um fator qualificante: ela transforma o parentesco em afinidade [...] Sua intenção é ser como o parentesco, tão incondicional, irrevogável e indissolúvel quanto ele. [...] Mas nem mesmo os casamentos são feitos no céu, e o que foi unido por homens estes podem – e tem permissão para – desunir (BAUMAN, 2004, p. 22).

Podem-se ver relacionamentos como ações bancárias ou transações econômicas, em ambos, são feitos investimentos e se espera um retorno, uma recíproca. Dessa forma, tal como ocorre com ações não lucrativas, podemos optar por abdicar de nossas relações. O estilo de vida capitalista intensificou a natureza humana que produz desejos deformados, que não entendem o bem comum e não enxergam além de saciar vontades e impulsos. Por isso, o homem moderno é ainda mais volúvel e instável em seus relacionamentos do que o homem antigo, pois o sistema econômico, político e social em que estamos inseridos enaltecem ainda mais esses traços humanos negativos.

Um relacionamento é um investimento como todos os outros [...] Você entrou com esforços que poderia empregar para outros fins, esperando estar fazendo a coisa certa e esperando também que aquilo que você perdeu [...] acabaria sendo-lhe devolvido – com lucro [...] As promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo [...] A

primeira coisa que bons acionistas fazem pela manhã é abrir os jornais [...] para saber se é hora de manter suas ações ou desfazer-se delas (BAUMAN, 2004, p. 15).

O Ego foi uma necessidade que o homem viu para se adaptar ao meio ambiente e criar a própria essência, diferenciando-se dos demais. Essa diferença é conflituosa para a humanidade porque se torna impossível ajustar e considerar todos os pensamentos e opiniões de forma igual e satisfatória. É do Ego que nos vemos distintos dos outros e criamos uma noção de superioridade ou inferioridade, pois coisas diferentes devem possuir valores diferentes de importância de acordo com nossa lógica. É do Ego que vem a necessidade de colocarmos nossa visão de mundo como a certa e ideal, ainda que isso possa vir a prejudicar o outro. O Ego nos faz Egoístas, e o egoísmo é uma característica humana.

Para a adaptação ao meio ambiente, o ser humano precisou desenvolver o próprio ego para que pudesse adaptar-se aos demais egos coletivos [...] O ser humano sacrificou sua liberdade para desenvolver seu próprio EU, sua essência ou energia eterna, para poder conviver com os demais humanos. Por isso existe o conflito e a discórdia, já que existe um desajustamento que impede a harmonia, porque o ser humano vive à procura de seus próprios interesses e eles, muitas vezes, estão em desacordo com os interesses dos demais (COUTINHO, 2010, p. 24-25).

A subjetividade e a alternância das decisões, sentimentos e desejos das pessoas causam insegurança dos outros que dependem ou acreditam em suas promessas, palavras e atitudes. As pessoas se unem porque estão geralmente interessadas em suprir alguma falta que há em si e assim, culpam o outro quando essa carência não é suprida e se eximem da culpa de conduzir sua própria felicidade. As ferramentas de convívio Eu-Vós se mostrarão vulneráveis à variação, à disparidade e à discórdia que mantém em pé de guerra as multidões daqueles que constituem um Vós potencial (BAUMAN, 2004, p.24). O problema é que,

Muitos relacionamentos são simbióticos, ou seja, relações onde quando um não consegue realizar algo, geralmente responsabiliza o outro por isto, ou exige que o outro o faça. As simbioses são relações em que duas pessoas 'incompletas' se unem esperando que, com o modelo e convite do outro, conseguirão realizar-se. [...] Então ao invés de ficarem juntos por suas potencialidades, o fazem por suas fraquezas (SHINYASHIKI, 1992, p. 102).

2.6 O amor patológico

Como já visto, a forma como se dão muitas relações humanas é bastante agressiva, perigosa e prejudicial, para uma parte ou para todos os envolvidos. Além do instinto animal que está contido em nós, a racionalidade se apresenta também, servindo de contraponto para esse instinto ou desvirtuando-o, corrompendo-o para alcançar outros objetivos.

A não realização dos nossos desejos se não entendida com maturidade, pode gerar patologias e doenças psicológicas. Isso explica porque a forma como vivemos nossas relações é patológica muitas vezes, porque depositamos no outro, expectativas e responsabilidades, que acreditamos que ele deve suprir. Porque nossas vontades precisam ser atendidas. Porque não podemos ouvir não e porque muitas vezes não sabemos lidar com a frustração.

O Amor, como parte da natureza na qual nos relacionamos, pode também adquirir um caráter patológico e desempenhar erroneamente sua função e conceito primário: cuidar do outro. Isso é responsabilidade de quem vive o Amor e o transforma em algo que ele não é. Pessoas doentes e desequilibradas viverão amores doentes e desequilibrados.

O querer sempre mais deveria ser catalogado como doença mental e tratado adequadamente pelos especialistas. [...] Todas as doenças psicossomáticas tem como fato gerador o desatendimento aos desejos do ego. As frustrações, o mau-humor e o pessimismo interferem diretamente no sistema imunológico do corpo humano, desencadeando uma série de distúrbios que levarão fatalmente ao desenvolvimento de patologias (COUTINHO, 2010, p.38-39).

A Psicologia desde Freud atesta que nós somos o que somos, ou seja, aquilo que éramos aos cinco anos de idade. Todas as informações que vão moldar nosso caráter, personalidade e aptidões cristalizam-se nesta idade. O que vem daí pra frente servirá para aprimorar o ego, “[...] Como a motivação principal de nossa vida está amparada no atendimento dos desejos, e na conseqüente recompensa de sua consumação, vamos permanecer constantemente na imaturidade infantil” (COUTINHO, 2010, p.54).

2.7 O amor funcional

Nós, o todo e a natureza somos a mesma coisa. No passado, quando nos separamos dessa unidade, os problemas nasceram, porque nosso Ego e a diferenciação que ele gerou nos fizeram crer que a natureza nos serve, quando na verdade nós somos parte dela. A natureza somos nós, incluindo aí toda a criação. A conclusão lógica é que “quando estamos tolamente discriminando o outro e sendo preconceituosos, estamos de fato fazendo juízo de nós mesmos” (COUTINHO, 2010, p. 71).

Se nós somos o Todo e a natureza, o outro também é. Se tivermos preconceito com o outro ou o discriminamos, estamos atingindo indiretamente a nós mesmos. Sabendo que todos somos um só, quando amamos o outro e cuidamos do outro, estamos cuidando de nós mesmos. Isso é o amor funcional. A partir desse ponto de vista,

É fácil amar – basta querer. É um ato de vontade para ser praticado agora. Significa o ato de CUIDAR do outro ser humano que, como já vimos, é você

mesmo, cuidar da natureza, que é você mesmo. [...] Este cuida de outro ser humano – que, em última instância, é você mesmo – pressupõe aquele dito tão comum: ‘faça ao outro aquilo que você espera receber dele’. [...] Enfim, praticar o amor funcional (COUTINHO, 2010, p. 81).

Quando entendemos que nós somos o Outro, e que, portanto, não há Outro, conseguiremos aplicar o amor funcional e todas as mazelas da humanidade acabar-se-iam. É por meio da interação com os outros que nos identificamos como parte de um todo e que justificamos nossa existência como parte desse todo. Quando entendemos a nós mesmos e ao outro e aceitamos as mudanças que aparecem e temos relações mais plenas.

Devemos estar em dia conosco e em dia com os outros. Estarmos saciados de carícias, porque elas medem o reconhecimento que temos por nós e de uns pelos outros, e isso é vital para o homem. Não devemos nos fechar para nós e em nós porque é importante darmos e recebermos atenção dos outros e interagir com eles. É preciso que estejamos em dia conosco e com o que compreendemos do mundo para que nossa auto estima permita que queiramos nos relacionar. Afinal,

Cada pessoa tem certo tipo de necessidade e cada um tem seu próprio quadro de referências que é a sua maneira de ver o mundo. Estar atento a isso é valioso no contato com as pessoas, é o verdadeiro conhecimento do outro ser humano. [...] A cada momento as pessoas mudam. [...] É importante estar atento ao outro e também estar atento a si mesmo. Afinal, é sua opção estar com o outro, da maneira como vocês escolheram para que cada encontro seja único, revelador e intenso (SHINYASHIKI, 1992, p.89).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada utilizando uma abordagem qualitativa pois essa janela de estudo combinava mais com as características do tema proposto já que mostram relatos e visões particulares e subjetivas de autores sobre um tema que é em sua própria natureza subjetivo, pois o amor é digno de qualificação muito mais do que de quantificação. O Estudo proporcionou um paralelo entre as visões pesquisadas em que uma complementava a outra de forma que a estrutura das informações se fez mais densa e completa.

Os procedimentos classificativos e conceituais da pesquisa usaram como norte a pesquisa bibliográfica, que foi beneficiária na construção das reflexões e conclusões sobre o tema, bem como permitiram um novo olhar e uma nova perspectiva dos objetos de estudo.

A análise das obras e o levantamento do conteúdo informativo das mesmas possibilitaram a coleta de dados confiáveis e que se confirmavam entre si quando colocados em analogia. O processo seguinte foi a construção de uma estrutura textual que abarcasse

todos os horizontes encontrados e que fizesse um cruzamento entre eles e que garantisse o entendimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo elaborou-se uma reflexão sobre o papel do amor nas relações humanas. Pudemos verificar que o amor é o problema, e também, a solução de diversas mazelas que assolam a humanidade. O sofrimento, a dor, as mágoas, as decepções, o término das relações, os conflitos e as discórdias que perseguem a interação entre os homens se mostra produto da nossa natureza antagônica em que o instinto busca saciar os desejos e a razão pondera sobre a importância dos mesmos.

Quando exercitamos a razão de forma errada, podemos deformar o desejo e não compreender com verdade aquilo que esse impulso represente. Além disso, pudemos ver que somos egoístas e pensamos primeiramente em realizar as nossas vontades e sonhos e, esquecemos do outro, muitas vezes sendo capazes até de prejudicá-lo com crueldade se vemos necessidade disso para atingir o que queremos.

Nosso Ego surgiu da necessidade que encontramos em sermos únicos, especiais, distintos dos outros. A existência do Ego se justifica por precisarmos nos reconhecer e nos enxergarmos de forma separada dos outros. Esse fato faz com que nos vejamos em posição acima ou abaixo de alguém. Valorizamos somente nossas ideias, opiniões, conhecimentos, experiências, sentimentos, sonhos, desejos e assim, muitas vezes, nos tornamos egoístas. Esse egoísmo gera frustrações com as quais muitas vezes o ser humano não consegue lidar, e então esse mesmo adoece e vive o que deseja e o que sente de forma patológica.

Se uma pessoa é doente e desequilibrada com sua racionalidade, seus desejos e seus sentimentos, incluindo o amor, isso refletirá nas relações das quais ela participa. O amor é querer cuidar do outro, proteger o outro, querer bem o objeto amado. Quando uma pessoa tem traços patológicos em suas ações e pensamentos, sua forma de amar e de se sentir amada será problemática e também patológica.

A separação que fizemos de quem somos e quem são os outros e o momento em que nos vimos como mais ou menos merecedores das coisas foi o momento em que nossos laços se fragilizaram e que os problemas começaram. Nós somos uma pequena parte do todo, o todo faz parte de todos nós. Somos todos iguais. Somos todos, o Mesmo. Eu sou o Outro e o Outro sou eu. Se eu amo o Outro, eu amo indiretamente a mim, se eu quero e faço o bem ao outro, faço bem indiretamente a mim.

Dessa forma, aplica-se o amor de forma funcional, em que ele obedeça a sua real função: cuidar e querer bem o outro. Quando esse ciclo é obedecido os elos que forjam as correntes humanas se fortalecem se deixar de serem flexíveis, e assim os problemas - que advém do egoísmo e da nossa corrupção e deformação de desejos e irracionalidade - se acabam.

5 REFERÊNCIAS

NUSSBAUM, Martha. *A República de Platão: a boa sociedade e a deformação do desejo*. Trad. Fonseca, Ana Carolina et al. Porto Alegre: Ed. Bestiário, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004.

COUTINHO, Walter Alves. *Triunfo do Amor*. Brasília/DF – Diagramação: Simplíssimo Livros, 2010.

GONÇALVES RIBEIRO. *Histórias e Lendas do Brasil* (adaptado do texto original de Gonçalves Ribeiro). São Paulo: APEL Editora, 2012.

SHINYASHIKI, Roberto. *A Carícia Essencial – Uma psicologia do afeto*. Guarulhos/SP: Editora Gente, 1992.